

A favela faltou na foto: a cobertura do desmonte do Santo Antônio pelas lentes do Correio da Manhã

*Mauro Amoroso**

Resumo português

O presente artigo aborda a cobertura do Correio da Manhã sobre o desmonte do Morro de Santo Antônio, no final da década de 50, provocando uma reflexão sobre extinção da favela que lá existiu, uma das mais antigas do Rio de Janeiro. Através da análise do aspecto visual da cobertura, e de sua interação com o elemento escrito (reportagem e legenda), pretende-se contribuir para o entendimento do processo de construção do espaço da favela como categoria social, dentro de uma conjuntura histórica específica, a partir da atuação de um agente de mídia

Palavras-chave: Morro de Santo Antônio; favela; fotojornalismo; Correio da Manhã; Rio de Janeiro

Resumo inglês

The present article approaches the covering of the periodical Correio da Manhã on the dismantling of the Mount of Saint Antonio, in the end of the decade of 50, provoking a reflection on extinguishing of the slum quarter that existed there, one of oldest of Rio De Janeiro. Through the analysis of the visual aspect of the covering, and its interaction with the written element (news article and legend), it is intended to contribute for the agreement of the process of construction of the slum quarter's space as social category, inside of a specific historical conjuncture, from the performance of a media agent.

Keywords: Mount of Saint Antonio; slum quarter; photojournalism; Correio da Manhã; Rio de Janeiro

* Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV. Este trabalho é parte integrante de minha dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, *Nunca é tarde para ser feliz? A imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã*. Niterói: PPGH-UFF, 2006.

O objetivo do presente artigo é a análise da cobertura do jornal Correio da Manhã sobre a favela que se localizava no Morro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, no final da década de 50. A escolha do Santo Antônio, onde se localizava uma das favelas mais antigas da cidade, se dá pelo caráter específico de seu “desmonte”, que diz respeito a escolhas e privilégios de ângulos e debates, para a construção de uma imagem da favela pela imprensa. O fio condutor da discussão aqui proposta pode ser guiada pela seguinte pergunta: por que, ao invés de desmonte do Morro, não se falar, igualmente, em remoção da favela do Santo Antônio?

Essa forma de habitação popular é um elemento presente na paisagem urbana carioca desde o final do século XIX. Paralelamente ao surgimento do fato urbano favela, houve a ocorrência de outro fenômeno: sua construção enquanto categoria social. A representação coletiva sobre esses espaços resultantes desse processo adquiriu características históricas específicas em seus primórdios. Segundo o sociólogo Luiz Machado da Silva (SILVA, 2002: 228):

[...] na gênese da construção social da favela como representação coletiva, parece que o núcleo de seu significado estava na dimensão físico-espacial, muito mais do que nas características de seus moradores (as quais estavam presentes mas qualificavam a patologia de territórios e moradias, e não propriamente de atores sociais) [...]. A referência central de sua auto-imagem não foi nem a pobreza em geral, nem o trabalho ou a inserção no processo produtivo, mas antes a condição de moradia definida

heteronomamente, a partir de critérios jurídico-institucionais (clandestinidade ilegalidade) e morais.

A percepção social da categoria favela notada nessa época possui relativa consonância com a afirmação acima citada de Machado da Silva. Porém, é necessário atentar que tal percepção não ocorreu de forma homogênea ao longo do processo histórico, nem mesmo nas primeiras décadas do século XX.

Logo, é preciso ter consciência da influência das diferentes conjunturas históricas no processo de construção da categoria social “favela”, bem como a atuação dos diferentes atores envolvidos. A complexidade desse processo em questão é fundamentada na diversidade dos interesses e formas de atuação dos agentes, bem como a interação destes em momentos específicos. Essa equação resulta em formas de apropriação e percepção coletiva do espaço favela, que acabaram por, muitas vezes, permear as tomadas de posição da sociedade civil e do poder público.

A década de 50 foi marcada por uma atuação de construção sistemática de conhecimento do poder público, sem, contudo, que seja efetivado uma política de intervenção mais drástica no espaço urbano. A existência de tal postura só se dará no período imediatamente posterior, com as políticas remocionistas de Lacerda e do governo militar. Assim, essa conjuntura específica de atuação por parte do Estado é reveladora do porquê da erradicação de uma das primeiras favelas do Rio de Janeiro, objeto de construção de uma série de representações relevantes para a percepção inicial desse tipo de espaço, ser caracterizada preferencialmente como um “desmonte”, ao invés de uma “remoção”.

Um gigante de terra em plena estrada para o progresso: a cobertura do desmonte do Santo Antônio

O período que envolve o Estado Novo trouxe fatos importantes para a história das favelas, a exemplo do primeiro grande programa estatal de intervenção em favelas, os Parques Proletários.¹ Entre o final da década de 40 e início da década de 50, a atitude do poder público com relação às favelas foi de organização de comissões e grupos de discussão, sem a realização de nenhum projeto maior específico. A atuação perante as favelas nesse período teve a Igreja, através da Fundação Leão XIII (1947) e da Cruzada São Sebastião (1955), como principal agente, enquanto na mídia, nota-se a campanha movida por Carlos Lacerda, em 1948, intitulada “Batalha do Rio” (RIOS, 1986). Também foram lançados os dois primeiros censos oficiais, um municipal em 1948 e um federal em 1950, com preocupação de realizar uma quantificação séria sobre as favelas do então Distrito Federal (PARISSE, 1969).

O pós-45 foi marcado por um crescimento habitacional no Rio de Janeiro. Grande parte desse crescimento foi direcionada para a zona sul. Porém, apesar desse deslocamento do eixo de moradia, já iniciado décadas antes, o principal pólo empregatício da cidade continuou sendo o centro. Com isso, criou-se um problema funcional de deslocamento. Tal fato deu-se pelo aumento de fluxo de veículos particulares na direção zona sul-centro, prejudicado pela ausência de túneis diametrais, levando ao congestionamento da área central. Assim, a resolução dessa questão de deslocamento viário seria uma das preocupações do Estado durante a década de 50 (ABREU, 1987).

Durante a administração de Dulcídio Cardoso (1952-54), teve o início das obras do desmonte do Morro de Santo Antônio. Assim, seriam criadas novas áreas valorizadas no centro da cidade, além de ligá-lo ao bairro de Copacabana. A antiga Avenida Beira Mar seria, também, desafogada, sem o alto custo das desapropriações (*idem*).

¹ Tal programa foi marcado pela remoção de algumas favelas com a transferência de seus moradores para conjuntos habitacionais construídos pelo Estado. Possuía, igualmente, forte elemento de controle ideológico, visando uma re-educação dos que habitavam em favela, a fim de solucionar suas “deficiências morais”. (Leeds & Leeds, 1978).

Nessa mesma época, a imprensa começa a dar atenção à obra. O corpo documental de fotografias do Correio da Manhã que compõe a série temática sobre a cobertura do desmonte do Santo Antônio possui 60 fotos. Porém, é válido atentar para a divisão entre as fotografias que possuem elementos humanos, ou seja, pessoas, como elemento figurativo central, ou de localização no centro da fotografia, ponto principal de percepção do olho humano (JOLY, 1986), e as que possuem elementos não-humanos, ou seja, o aterro, a obra, máquinas trabalhando, prédios semi-demolidos e afins.

Assim, temos 14 fotografias tendo o elemento humano como elemento figurativo central, e 46 fotografias com elemento figurativo central não-humano. Essas fotografias foram separadas de acordo com temáticas específicas:

A) Elemento figurativo central humano – total 14

1) Contratempos cotidianos das obras	2) Debates e protestos sobre as obras	3) Moradores desalojados das favelas	4) Obra do desmonte	5) Personalidade política	6) Modificações urbanas oriundas do desmonte
5	3	2	2	1	1

B) Elemento figurativo central não-humano – total 46

1) Escavadeiras, caminhões e afins	2) Denúncia sobre poeira/negligência	3) Obra do desmonte	4) Ruínas e prédios abandonados	5) Modificações urbanas oriundas do desmonte	6) Maquetes e plantas	7) Barracos destruídos	8) Protestos
14	13	5	5	4	3	1	1

Com relação à primeira tabela, o item 1 diz respeito a contratempos surgidos por relação direta ao desmonte, como buracos e excesso de lama em dias chuvosos, que prejudicam, sobretudo, a passagem de pedestres. O segundo item refere-se a encontros de comerciantes e moradores dos arredores da obra entre si ou com lideranças políticas, a fim de debater plantas e possíveis projetos e soluções para os problemas trazidos pelo desmonte. O item 3 é formado por fotografias de moradores da favela de Santo Antônio, enquanto o item 4 é relativo ao local da obra propriamente dito, com pessoas transitando ou operários trabalhando. O item 5 é uma fotografia do então presidente, Juscelino Kubitschek, enquanto o item 6 é constituído por uma fotografia sobre modificações urbanísticas daquela área da cidade em consequência da obra.

No que se refere à segunda tabela, o primeiro item é composto pelas máquinas que trabalhavam no desmonte, como escavadeiras e caminhões, responsáveis pelo arrasamento do morro e pelo transporte da terra. Essa segunda atividade resultou em uma série de transtornos para os residentes e comerciantes dos arredores do desmonte, resultando nas fotografias que compõem o segundo item. O terceiro refere-se à retratação da área das obras propriamente dita, enquanto o quarto diz respeito a ruínas e prédios semi-demolidos. O quinto item é composto por modificações da área urbana decorrentes do desmonte, enquanto o sexto é referente a maquetes e plantas da futura esplanada do Santo Antônio. O sétimo item é constituído de uma fotografia tendo como elemento central barracos destruídos pertencentes à favela existente no morro. O oitavo item é configuração de um protesto.

Em um primeiro momento, é notável a quantidade de fotografias (46) que privilegia o aspecto não-humano das obras do desmonte. Também deve-se atentar para a valorização do maquinário utilizado na empreitada, representado por escavadeiras, caminhões e demais veículos. Em outro pólo, pode-se destacar a tradicional atuação do Correio da Manhã como órgão vigilante do poder público, conforme mostra a quantidade de fotografias realizadas

com o objetivo de denunciar a imensa quantidade de poeira oriunda da área do desmote, e os transtornos causados a população vizinha.

Com relação ao número de pessoas presentes enquanto elementos figurativos, ele pode ser quantificado da seguinte forma:

Homens	Mulheres	Crianças	Não identificados	Personalidade política/pública	Total de pessoas retratadas
55	5	7	3	1	71

É importante atentar para o fato que nesse número também consta as fotografias com elemento figurativo não-humano central. A quantidade superior de homens presentes pode ser explicada pela ambientação das fotografias nas obras do desmote.

Desse corpo fotográfico, 35 fotografias possuem indicação de publicação, com a seguinte configuração:

C) Elemento figurativo central humano (fotografias com indicação de publicação)– total 11

1)Contratempos cotidianos das obras	2) Debates e protestos sobre as obras	3) Moradores desalojados das favelas	4) Obra do desmote	5) Personalidade política	6) Modificações urbanas oriundas do desmote
4	2	2	2	-	1

D) Elemento figurativo central não-humano (fotografias com indicação de publicação)– total 24

1) Escavadeiras, caminhões e afins	2) Denúncia sobre poeira/negligência	3) Obra do desmonte	4) Ruínas e prédios abandonados	5) Modificações urbanas oriundas do desmonte	6) Maquetes e plantas	7) Barracos destruídos	8) Protestos
10	6	2	3	2	-	-	1

No tocante as fotos com indicação de publicação, nota-se uma queda da diferença entre as fotos que privilegiam o aspecto humano e o não-humano da cobertura, apesar deste possuir ainda uma predominância de pouco menos de 68% entre as fotos publicadas. As demais relações entre as temáticas que compõem a série mantêm-se, sendo interessante apontar alguns dados, a exemplo do item 1 da tabela D. Nesse item, 9 dos veículos utilizados na obra retratados são escavadeiras. Porém, o dado mais interessante é que, das 60 fotografias da série, apenas 3 possuem a favela como elemento central. Duas retratam moradores desalojados da favela do Santo Antônio e, uma barracos destruídos da mesma. Quando são analisadas as fotografias com indicação de publicação, esse número cai para dois, referentes aos moradores da favela. Tal fato revela a mais curiosa ausência dessa cobertura sobre o desmonte.

Com relação aos fotógrafos, 53 fotografias não creditam autoria, o que era usual na década de 50, período em que foram realizadas a maioria das fotos. Cinco fotografias são de responsabilidade de Bueno, publicadas na coluna Gerico, espaço para denúncia e cobrança de soluções por parte do poder público de questões urbanas de interesse da população do Rio de Janeiro. Tal fato pode ser relacionado à importância da temática da denúncia de transtornos, a maioria relativos à poeira e negligência das autoridades para com esse problema, surgidos com as obras. A maioria das fotografias com indícios de publicação foi feita em 1958 e 1959 (24 de 35).

Revista Cantareira
Revista Discente do Departamento de História da UFF
Volume 1 - Número 1 - Ano 2009

<http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/>

Observemos a seguinte foto, uma das publicadas sobre moradores da favela do Santo Antônio:

Foto 1



Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 3/12/1954

Fotógrafo: Milton Santos

Essa foto, tirada no momento inicial do desmonte, revela uma polarização entre duas noções que marcaria o resto da cobertura desse fato: atraso e progresso. A primeira noção encontra-se representada pelo que aparenta ser uma família. Tal noção é reforçada por suas roupas, que denotam simplicidade assim como os pés descalços da mulher e da criança ao seu lado, por sua atitude de impotência perante o progresso (representado pelas obras do desmonte, pelos caminhões à esquerda da cena) que cada vez mais se adiantava, e até mesmo pela vegetação ao lado. É interessante notar a distância entre os indivíduos retratados e as atividades referentes à obra do desmonte, que seguem a pleno vapor, e por eles é observada. Tal distância acaba por reforçar a idéia de separação entre a favela, representada pelas pessoas retratadas, e a nova configuração espacial daquela área, ou seja, a futura esplanada do Santo Antônio. Desse modo, é transmitida uma idéia central de atraso perante o progresso inevitável e iminente. Também é interessante, mais uma vez, atentar para o fato de que essa foto representa uma exceção, uma vez que é uma das raras que tem figuras humanas como elemento central da imagem.

O caráter polissêmico da imagem fotográfica não deve ser jamais ignorado. Sua incorporação pelo discurso jornalístico também acarreta fatores próprios que intensificam tal ambigüidade interpretativa. Inicialmente, temos a própria especificidade do discurso midiático, que visa o estabelecimento de um elo comunicativo com o outro (leitor). Tal elo possui uma série de tensões devido ao fato de que o leitor pode ignorar alguns significados interpretativos possíveis em detrimento de outros. Ou seja, não há uma comunicabilidade plena. Porém, tendo em vista o caráter ideológico do discurso jornalístico, a combinação de elementos intertextuais, ou seja, de aspectos visuais e escritos (legenda, título e reportagem) atua como forma de estabelecer um direcionamento interpretativo para o receptor (FAUSTO NETO, CASTRO & LUCAS, 1995).

O tipo de interpretação proposto para essa imagem é ratificado pelo componente escrito de sua matéria respectiva publicada pelo periódico em 3 de dezembro de 1954. A

legenda da foto possui uma função descritiva, fazendo uma breve alusão à erradicação do morro: “na ribanceira e olhando as escavadeiras e os caminhões que estão destruindo o imponente morro de Santo Antônio”. Tal alusão ocorre em paralelo com a presente no título da reportagem, cronologicamente realizada no princípio da realização das obras: “Mesmo devagar vai perdendo o Santo Antônio a imponência de morro”.

Em conjunto com as referências ao ainda incipiente fim do morro, é interessante realizar uma análise de como a favela é caracterizada no corpo da matéria, a fim de embasar a interpretação aplicada à figura dos moradores retratados na fotografia. Essa favela, descrita como “o mais pacífico morro do Rio de Janeiro”, é caracterizada como um outro universo, sendo utilizadas palavras e adjetivações que remetem ao interior, ao campo, em oposição à modernidade urbana: “(...) uns rapazes dedilhando o pinho, entoando canções da roça, ou os últimos sambas.” A calma do local evocada pelas músicas “da roça”, além do fato de tratar-se de “o mais pacífico morro do Rio de Janeiro” revela um modo de vida simples e harmônico. Essa caracterização do ambiente das favelas, na década de 50, também pode ser observada em algumas chanchadas (KORNIS, 2004), o que demonstra uma forma comum de percepção dos habitantes da favela e da construção de seus hábitos.

Entretanto, é importante ressaltar que essa visão não implica em uma abordagem homogênea dessa área específica, ao longo da trajetória do jornal. A construção social da favela perpassa diferentes conjunturas históricas e formas de significação. No tocante ao Morro de Santo Antônio, o próprio Correio da Manhã pode ser citado como exemplo, junto com outros periódicos como Jornal do Commercio e Jornal do Brasil, de uma cobertura inicial sobre favelas tendo como principal foco, embora sem muito estardalhaço, a criminalidade (MATTOS, 2004). Tal fato, de certa forma, exemplifica as diferentes concepções historicamente relacionadas às favelas. Tal diferença pode ser apreendida, igualmente, em comparação com a percepção social atual dessas áreas, amplamente

relacionada ao tráfico de drogas e à violência urbana, principalmente pela mídia (COIMBRA, 2001).

Outra passagem da reportagem reforça a caracterização da favela como um espaço à parte e diferenciado da cidade, além da descrença no desmonte do morro, justificada por essa mesma diferenciação. Porém, ambos, a descrença e o morro, teriam seus fins decretados pelas máquinas do progresso:

“Porque, dizia-se que a prefeitura pararia de uma hora para outra, não levaria até o fim o intento de reduzir a zero a imponente elevação, *porque os seus mistérios estariam ali para, mais uma vez, vencer a força dos prefeitos (...)*. O compasso é diferente, como eles dizem. E não há mais quem não acredite naquelas máquinas de terraplanagem.” (grifos meus).

O período entre o final da década de 40 e início da década de 50 foi caracterizado por um clima de euforia, com o crescimento de uma utopia nacionalista contra o atraso, que levou ao agrupamento de diferentes grupos e classes em torno de uma ideologia nacional-desenvolvimentista. Foi uma época desejosa de inovações em diversos campos, como o das comunicações. Paralelamente, nota-se uma crescente valorização de uma cultura da imagem a partir da década de 50. Esse processo acabou por acarretar novas formas de se pensar o popular, visando sua integração nesse novo projeto nacional. Essas formas continham uma ambigüidade com relação a esse setor da sociedade. Uma vez que se via a valorização do homem do campo e de suas tradições culturais, como o folclore, do que seria a essência do nacional, nota-se, também, o detrimento dessas mesmas manifestações no espaço urbano. Há uma completa desvalorização de formas urbanas de manifestações culturais populares, como o teatro de revista, por parte de diversos intelectuais, que por sua vez, valorizavam a tradição popular autêntica. Por essa tradição, deve-se entender às manifestações ligadas ao campo. E, mesmo assim, quando atidas ao campo, uma vez que

sua ocorrência no espaço urbano era vista como degenerada, grotesca, inferior (VELLOSO, 2002).

Tal percepção do popular não impediu que a favela figurasse em algumas produções teatrais e cinematográficas da época, alçada, até, à condição de reflexo autêntico dos problemas nacionais. Porém, certos elementos oriundos da ambigüidade abordada também encontram-se presentes nessas produções, e devem ser problematizados enquanto uma forma específica e homogênea de construção da categoria “povo”, bem como do papel deste e até dos próprios intelectuais (*idem*). Os aspectos abordados encontram-se presentes na foto supracitada. Basta notar as roupas dos indivíduos retratados e a vegetação à direita destes. Abaixo das árvores há um cercado destruído, compondo, esses elementos todos, uma “subcena rural” dentro da cena retratada. Também é característica a oposição da “subcena”, remanescente da favela existente, com o que seria o resto da cidade. A mesma bipolarização entre a cena e o desmonte pode ser simbolicamente estendida à cidade, com seus prédios ao fundo. Os caminhões trabalhando e os prédios da cidade seria uma clara alusão ao progresso *versus* o atraso prestes a ser erradicado.

Atentemos agora para a noção barthesiana de *studium*. No pensamento de Roland Barthes, essa noção seria o escopo cultural que nos permite compreender uma mensagem fotográfica, devido aos elementos culturais compartilhados com seu autor (o fotógrafo), e sobre ela tecer juízos (BARTHES, 1984: 121).

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre criadores e consumidores.

Desse modo, esse conceito *barthesiano* indica um elemento comum, um amálgama entre “consumidores” e “criadores”, que os permite partilhar noções culturais capaz de

realizar o ato de comunicar através da mensagem fotográfica. Assim, pode-se falar em noções de valor comum sobre um determinado tema pelos membros da sociedade. Principalmente, perante os termos propostos, em que o papel de criador e consumidor é constantemente exercido por um indivíduo. Logo, não seria impossível afirmar essa noção comum com relação à temática da favela, nos anos 50. No tocante à classe intelectual, no que diz respeito à concepção de “popular”, na qual a favela se insere, e aos repórteres fotográficos. Tal afirmativa pode ser embasada, também, na existência de elos de ligação entre esses profissionais e representantes de outros campos das artes visuais, cuja interação caracterizaria um regime visual específico a partir da década de 40 (MAUAD, 2004). E, conforme visto no conceito barthesiano de *studium*, há um compartilhamento de concepções culturais acerca de temáticas específicas, presentes na mensagem fotográfica, entre o criador da imagem e seu receptor. E a prática da construção do discurso jornalístico é orientada pela tentativa de se atingir um leitor-padrão, caracterizado, dentre outros fatores, por essas concepções culturais compartilhadas pelos indivíduos que compõem a sociedade (FAUSTO NETO, CASTRO & LUCAS, 1995). Desse modo, a mesma noção de “popular” compartilhada pelos produtores do campo da cultura visual poderia ser encontrada em seu público consumidor. Daí a escolha pela possibilidade interpretativa apresentada pela fotografia 1.

Um aspecto consideravelmente presente na cobertura do desmonte do Santo Antônio é a alusão ao progresso. Um exemplo pode ser encontrado em matéria, de 1956, sobre a demolição de um casarão antigo na Rua do Lavradio, conseqüência das obras do desmonte:

O casarão foi envelhecendo, decaindo, para acabar posto abaixo a fim de atender às exigências do progresso! [...] As escavadeiras parecem um monstro moderno de mandíbulas de ferro: atiram-se contra o gigante de terra, mordem-no, arrancam-lhe um pedaço, rompem, mastigam, trituram.

Assim fazem agora com o Morro de Santo Antônio (aqui visto de um trecho da Rua dos Arcos) que vai cedendo ao castigo impiedoso.²

Um dos principais símbolos adotados como forma de representar o progresso são as máquinas que trabalham no desmonte, sobretudo a escavadeira. Tal fato, bem evidenciado na metáfora utilizada do “monstro moderno” contra o “gigante de areia”, pode ser averiguado na recorrência dessa máquina nas fotografias, seja parada, seja em pleno trabalho.

Foto 2

² *Correio da Manhã*, 22/1/1956. É interessante notar que o Morro de Santo Antônio não era o único elemento associado à noção de atraso, que pode ser estendida às irremediações da futura explanada, principalmente no tocante a imóveis consideravelmente antigos, muitos deles utilizados para fins habitacionais pela população de baixa renda.



Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 11/2/1958, Fotógrafo: não identificado

Essa fotografia foi publicada em reportagem de 11 de fevereiro de 1958, com a seguinte legenda: “depois de mais de meio-século, fim da preocupação?” Essa foto ilustra satisfatoriamente a batalha entre o “monstro moderno” e o “gigante de areia” a qual o jornal aludirá em outras oportunidades. A escavadeira, elemento central da cena, reina absoluta em seu trabalho, enquanto os restos de casebres e pessoas, proporcionalmente menores e impotentes, olham o símbolo do progresso em mais uma vitória contra o atraso. É interessante atentar para uma possível interpretação resultante da relação de intertextualidade entre a legenda e o conteúdo da imagem. Essa interpretação diz respeito ao reforço da centralidade da escavadeira como elemento figurativo, uma vez que a

pergunta, da maneira como é colocada pela legenda, traz um imperativo que ratifica o elemento central como o agente responsável pelo “fim da preocupação”. Dentro do contexto geral da cobertura há, desse modo, o reforço da dicotomia entre progresso e atraso.

Durante a década de 50, nota-se uma tendência, quando não ânsia, à exibição de urbanidade, da cidade, da metrópole. Este “efeito de vitrine” constitui uma demonstração de capacidade e progresso técnico-científico, uma apologia ao futuro, dentro do contexto nacional-desenvolvimentista (VELLOSO, 2003: 174). Um exemplo foi a própria construção de Brasília, que nos trouxe atenção internacional sobre nossa modernização urbanística, carregada de um forte simbolismo de inovação, de nossa re-invenção a partir de nosso centro inabitado, a fim de sanar nossas desigualdades regionais e sociais (JAGUARIBE, 1998). Porém, esse fato reverberou de forma relativamente dissonante no Rio de Janeiro. Em 1958, foi publicada uma série de 32 reportagens, no Correio da manhã, sob o título “O que será do Rio?”, com depoimentos de diversas figuras ilustres da cidade. Tal empreendimento, depois seguido por outros órgão de imprensa, como Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa, revela uma preocupação com a possível perda de importância de nossa cidade com a transferência da capital federal (MOTTA, 2000).

Assim, perante a conjuntura acima abordada, não seria infundado conceber a exibição e associação de elementos de progresso também relacionada a um esforço de manutenção de *status* da cidade do Rio de Janeiro. Afinal, os ganhos urbanísticos com a nova esplanada do Santo Antônio, freqüentemente anunciados (mesmo quando ainda não saíram do papel), reforçariam a imagem de progresso do Rio de Janeiro. Contudo, deve-se reconhecer a associação do Rio de Janeiro com um simbolismo nacional, devido à sua *capitalidade*: “As cidades-capitais projetam uma deliberação simbólica que ultrapassa o repertório usual de outras cidades. Possuem as marcas da oficialidade histórica conferida aos monumentos. Simbolizam, nos seus diversos momentos históricos, o panteão nacional.”

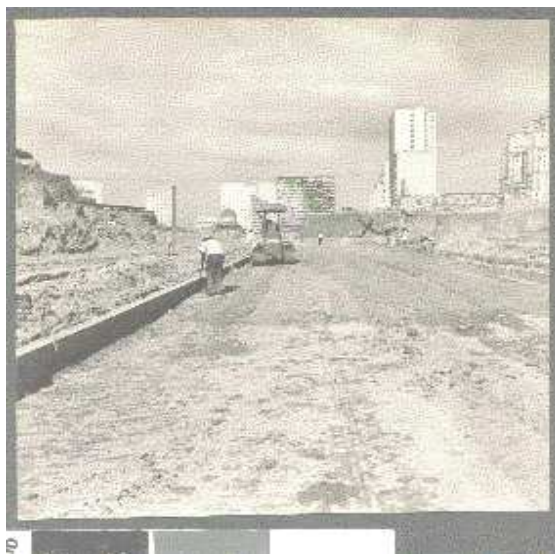
(JAGUARIBE, 1998: 119). Entretanto, essa ligação com o nacional, antes de negar a hipótese exposta no presente parágrafo, pode reforçá-la. Tal possibilidade é viabilizada justamente pelo medo de nossas elites de perderem a importância de *cidade-capital* mediante a construção de Brasília, com todos os simbolismos envolvidos no processo, e a transferência da capital.

Um exemplo de melhora urbanística trazida pela obra do desmonte e divulgada pelo Correio é a manchete da seguinte reportagem publicada em 6 de dezembro de 1958: “Três mil veículos por hora em pista de alta velocidade”. Nessa reportagem, o superintendente responsável pelas obras do desmonte anuncia para dali a dois meses a abertura da nova avenida, que viabilizará o rápido escoamento do tráfego de automóveis do centro para a zona sul. Desse modo, ainda segundo o superintendente, um percurso antes realizado entre 15 e 20 minutos, passaria a ser feito em apenas 3. A nova pista, a futura Avenida Chile, suportaria um fluxo de até 3mil veículos por hora, conforme alardeado na reportagem. Desse modo, seria resolvido o antigo problema viário, anteriormente abordado, da cidade. Porém, tal fato não sairia gratuito ao carioca. Para a concretização do obra do desmonte, além da execução e fiscalização de outras obras, foi criada a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN), durante a administração de Negrão de Lima (1956-1958), e cujo financiamento em grande parte procederia de um adicional fiscal (ABREU, 1987)

A solução do problema viário e circulatório também foi realçada a partir do cânone da fotorreportagem, como mostra a fotografia presente na capa da edição de 18 de dezembro de 1958:

Foto 3

Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da Manhã, Data: 18/12/1958, Fotógrafo: não identificado



Essa fotografia, publicada em 18 de dezembro de 1958, foi acompanhada da legenda “do Correio ao Correio”. A reportagem, em tom comemorativo, informa a rapidez (que não se confirmaria posteriormente) com a qual a prefeitura ia finalizando a obra. A comemoração deu-se pela possibilidade de vista entre dois prédios de propriedade do Correio da Manhã, antes inviabilizada pelo morro. Essa foto foi tirada de um dos prédios e, se fosse em outras épocas, a única vista possível seria o Santo Antônio. A matéria, presente na primeira capa do jornal, anunciava a promessa da prefeitura de liberação da nova pista para o tráfego ainda em janeiro, enquanto os pedestres já percorriam o novo caminho. Desse modo, é realizada uma pequena e original apologia à solução do problema viário do centro. Para análise crítica do discurso jornalístico, devem ser levados em consideração fatores como a diagramação e a localização da reportagem no corpo do periódico. O fato de tal matéria encontrar-se na capa, que atua como uma espécie de “vitrine”, revela sua importância em termos de construção de significado, pela localização privilegiada no espaço gráfico do jornal (FAUSTO NETO, CASTRO & LUCAS, 1995). A localização da

reportagem se dá no canto superior direito da capa. Tal espaço é tido como referência principal em uma percepção hierarquizada da paginação de um periódico, sendo o preferido pelos editores para a localização de uma fotografia (VILCHES, 1987). Tal fato reforça, mais uma vez, a relevância dada à reportagem pela equipe editorial.

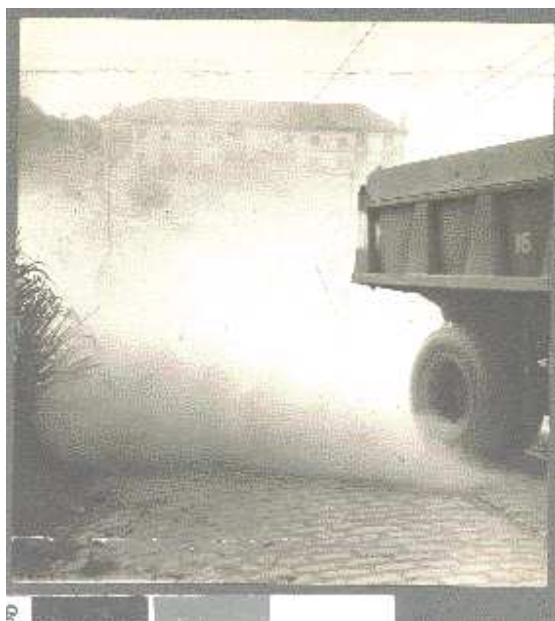
Outro elemento fundamental para a construção do sentido dessa fotografia é a relação intertextual entre a legenda e a imagem. A frase denota um sentido de ligação entre dois pólos, “Do Correio ao Correio”, sendo que tal sentido possibilita o entendimento da mensagem, melhor explicitada no interior da reportagem, significativa entre a possibilidade de se vislumbrar os dois prédios do periódico, graças ao arrasamento do morro de Santo Antônio.

Essa foto constitui-se em uma importante forma de informação. Walter Benjamin já atentava para a capacidade especial e própria de informação e comunicação da fotografia. Tal fato reside na qualidade da imagem fotográfica de realçar seu objeto, através da especificidade da tecnologia que a constitui. Ao contrário da pintura, cujo objeto de admiração é a técnica empregada pelo artista, a fotografia coloca o objeto retratado no cerne central de valorização. Porém, esse fenômeno não ocorre gratuitamente, apenas pela constituição da imagem fotográfica. Para isso, deveria haver o esforço de se retratar o mundo real, ao invés dos cenários montados e de realidades encenadas da fotografia pré-moderna. A fotografia, assim, se revelaria um ótimo meio de se mostrar aspectos da realidade que não nos damos conta em uma primeira visão. Aspectos que são percorridos por nosso “inconsciente ótico”, mas só emergem através do trabalho de constituição da fotografia, revelando “mundo de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas” (BENJAMIN, 1994: 94). A foto em questão consegue construir um significado próprio, através da associação com o texto escrito (legenda e reportagem), cuja importância também é elaborada por Benjamin.

Porém, a obra do desmonte do Santo Antônio também passou por uma série de problemas, os principais relacionados a atrasos e inconvenientes causados à vizinhança por causa da vasta quantidade de poeira oriunda do descuido dos caminhões que transportavam a areia do morro para o aterro que estava sendo realizado. Mais uma vez, as lentes do Correio da Manhã aproveitaram a oportunidade para a construção de sentido a partir do material dado pelo momento. Porém, desta vez observa-se o olhar crítico, vigilante da atuação da esfera pública, uma atuação condizente com o histórico do jornal:

Foto 4

Foto: Arquivo Nacional, Fundo/Coleção: Correio da manhã, Data: 29/11/1958, Fotógrafo: não identificado



Essa foto faz parte de uma reportagem em 29 de novembro de 1958 cuja manchete foi: “Batalha do pó: SURSAN cruzando novamente os braços obrigou convento a fechar as portas”. Essa matéria realizava uma crítica à SURSAN, pois sua negligência com relação à imensa quantidade de poeira vinda das obras do desmonte estaria tornando intransitável as

ruas do centro. No caso, nem o tradicional convento dos franciscanos teria escapado à sina. E segundo o jornal, soluções fáceis estariam ao alcance, como a irrigação da superfície da areia acumulada nas caçambas dos caminhões. E seria obrigação da SURSAN cumprir essas soluções, até pelo fato dela ser mantida com dinheiro público. A “pequena centelha do acaso” presente na fotografia, o arrancar do caminhão e sua subsequente cortina de poeira dando a impressão de encobrir o convento, acaba por valorizar o instante em si, revestindo-o de significados críticos perante a situação de sua tomada. Desse modo, a partir do material bruto do mundo exterior, da realidade que pulsa pelas ruas, fotografia e contextos humanos são associados, revelando os pormenores da relação desses contextos e os dotando de significado específico.

Como pôde ser visto, a cobertura fotográfica do desmonte é marcada pelas possibilidades de significados, apesar destes serem ligados por certas temáticas comuns, como desenvolvimento e progresso *versus* atraso. Porém, esses significados são atingidos de formas diferentes, dando a cada foto, uma individualidade, uma característica autoral própria, tendo como matéria-prima, a própria realidade, “acontecida” dentro de uma duração específica. E essa é a característica da fotografia moderna. Ou seja, produzir algo novo (o *instantâneo*) a partir da “duração”, do recorte desta, do seu “retardamento” produzir diferentes *instantâneos*. Daí a feliz expressão de M. Lisovsky referente à máquina fotográfica: “máquina de esperar”. O que diferencia a fotografia moderna (surgida a partir das décadas de 20 e 30) da fotografia antiga é a característica dessa ser fundamentada na “espera”, enquanto a outra o é na interrupção, na pose. Ou seja, ao elaborar a fotografia, o fotógrafo espera o momento da tomada da pose, operando, assim, um processo de seleção do aspecto da realidade a ser retratado. Essa espera é denominada por Lisovsky de *expectação*, a fim de ressaltar a especificidade desse ato no tocante ao processo fotográfico, uma vez que nenhum tipo de espera, por qualquer que seja seu objetivo, é semelhante. O tempo que se esvai na expectação acaba por revelar uma face da duração, a ser

transformada em instantâneo, um *aspecto* dessa duração. As características desse processo do ato fotográfico são justamente o que caracterizam a autoria de cada foto, bem como a diferença de significados, resultante de diferentes formas de espera (expectação), comunicados pela mensagem fotográfica (LISSOVSKY, 2003).

O desmonte do Santo Antônio só se concluiria no final do governo de Carlos Lacerda (1960-1965), quase dez anos após seu início. Além de problemas relativos a atrasos e transtornos aos moradores vizinhos à área da obra, no que diz respeito, sobretudo, à poeira e desorganização dos procedimentos para seu bom encaminhamento, também podem ser citadas as tentativas de reconstrução da favela do Santo Antônio, semelhante ao que ocorrerá posteriormente durante as políticas remocionistas dos militares e que foi caracterizado por Valladares como um dos elementos que demonstrou o fracasso do programa³.

A demora para a finalização da obra foi um objeto de crítica constante no jornal, e por mais que tenha deixado de ser um assunto de importância para a publicação, por vez ou outra voltava a ser abordado, conforme demonstra a seguinte reportagem publicada em 28 de fevereiro de 1964: “(...) Esplanada de Santo Antônio, tal como se encontra, às vésperas da cidade comemorar seu 399º aniversário. (...) Aqui não descirão aviões, nem soviéticos nem de qualquer outra nacionalidade. Descirão e proliferarão insetos e mosquitos. Não há júbilo. Há receio”.

A favela faltou na foto

Na cobertura do desmonte do Morro de Santo Antônio, nota-se a ausência de um importante elemento no processo de significação aqui abordado: a favela que lá existia. Em nenhuma dessas fotografias a favela foi o elemento central a ser retratado. No máximo, alguma centelha, poucos barracos destruídos, poucos moradores, em situação de

³ Um exemplo de tentativas de retomada das favelas podem ser vistas em “Favela cresce no desmonte do Santo Antônio”, publicada em 18 de agosto de 1959.

coadjuvante, a fim de reforçar algum outro significado. Porém, conforme apregoadado por Barthes, uma das principais características da fotografia é o “isso-foi”. Ou seja, a indicação da existência, da presença de algum elemento da realidade (BARTHES, 1984). E esse elemento, por mais que não tenha sido o objeto principal de significação das fotos, continuou presente até o fim das obras do desmonte. E o fato da escavadeira, do espaço de circulação, da poeira, dos elementos que constroem significados de progresso e que fiscalizam a ação dos que o implantam, terem prioridade no corpo fotográfico analisado, evidencia o caráter proposital e objetivo da construção da categoria “favela”. No caso em questão, pela quase-ausência desta.

Tal fato não pode ser justificado por uma pretensa falta de importância dessa favela no cotidiano da cidade. A favela do Santo Antônio foi uma das mais antigas, estando envolvida no processo de descoberta e criação de formas de percepção desses espaços pela mídia e outros elementos da sociedade civil e do poder público. Também não foi uma das menores, conforme nos mostra o censo de 48: 1.500 casebres e 7.500 habitantes, sendo que a maioria das favelas relacionadas não chegava a 1.000 casebres, nem próximos a 10.000 habitantes (PARISSE, 1969: 141). Sua pouca importância atribuída na cobertura faz parte de um processo de escolhas conscientes, em um momento específico do país e da cidade, marcado pelo desejo de exibição de progresso e desenvolvimento, além da manutenção da importância do Rio de Janeiro perante a nova capital federal em construção.

No tocante à abordagem da área do Morro de Santo Antônio, podemos citar Alfred Agache. Em seu *Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento* (1930), que chega a possuir um capítulo sobre a problemática das favelas. Contudo, o urbanista francês não chega a tecer nenhuma análise específica sobre a favela de Santo Antônio, assim como para nenhuma favela no restante de seu Plano. No tocante ao Morro de Santo Antônio, seus comentários estão contidos em uma problemática técnica específica da engenharia urbana, dizendo respeito a problemas de circulação viária, saneamento urbano e até preservação de

um bem histórico e artístico em um período no qual o país ainda não possuía uma política de preservação de patrimônio propriamente dita. Desse modo, as observações de um cunho mais sociológico não são aplicadas ao Morro de Santo Antônio e sua favela, o que não chega a caracterizar uma surpresa, uma vez que estudos de caso de favelas praticamente inexistiam no período, se resumindo, majoritariamente, a relatos de cunho jornalístico (VALLADARES, 2005). É interessante observar uma certa semelhança na análise de Agache sobre o Santo Antônio com a cobertura do Correio da Manhã, guardadas as devidas diferenças históricas e dos interesses e especificidades desses dois atores, centradas em questões referentes à engenharia urbana.

A partir da década de 40 começou a surgir uma maior preocupação em construir-se um saber técnico quantitativo sobre as favelas, a fim de possibilitar a elaboração de planejamentos de ação e uma intervenção qualitativa, embasada em pressupostos sólidos, nessas áreas (*idem*). Assim, algumas concepções arraigadas no imaginário urbano sobre a favela são desconstruídas e invalidadas, no exemplo de Alberto Passos Guimarães, enquanto outras são revestidas por novas roupagens, no exemplo da Fundação Leão XIII.⁴

Contudo, no contexto histórico da passagem da década de 40 para a de 50, ainda é possível encontrar obras que constroem problemáticas acerca de reformas urbanísticas do Morro de Santo Antônio sem que seja problematizada a questão da favela então lá existente. Como exemplo, pode ser citada a obra *Urbanismo no Rio de Janeiro*, de autoria do discípulo de Agache Adalberto Szilard, lançada em 1950. Apesar de demonstrar em diversas passagens a preocupação com a problemática habitacional da população de baixa renda, o documento aborda o Morro pelo viés da engenharia urbana sem que sejam levantadas questões referentes à favela que ali se localizava.

⁴ Para melhor problematização da atuação e abordagens desses atores no tocante à problemática das favelas ver (*ibidem*, 2005).

Quando se aborda o problema do desmonte de Santo Antônio pelo aspecto meramente técnico, conforme visto, tende-se a ignorar a favela que lá havia, apesar desta ser uma das mais antigas de cidade e participante do mito de fundação sobre a favela. Mesmo em urbanistas que demonstram uma preocupação com a questão social, sobretudo no quesito habitacional, pode-se notar a ocorrência de tal forma de abordagem, como se fosse possível, embora creio que não seja esta a intenção, separar o espaço do morro da área favelizada. A cobertura do Correio da Manhã possui semelhanças com algumas obras urbanísticas, a exemplo das já citadas produções de Agache e Szilard, na medida em que realiza uma cobertura puramente técnica, em termos de engenharia, da questão do desmonte do Santo Antônio. Porém, algumas ressalvas devem ser guardadas, seja pelas diferenças de conjunturas históricas, seja pela natureza específica e objetivos de cada ator. O próprio entendimento das conjunturas históricas em questão permite uma maior compreensão da cobertura do Correio da Manhã, além de atentar para outros aspectos mais amplos, importantes para o entendimento da abordagem da favela pelo jornal e da produção de significação resultante.

O início da década de 50 até o final da década de 60 pode ser caracterizado como um novo período de produção de conhecimento sobre as favelas, sobretudo pelo início do trabalho de campo, conforme sua própria concepção, das Ciências Sociais. Com esse tipo de atuação desse importante agente, nota-se uma mudança na percepção sobre a favela, tendendo esta a ser vista como comunidade, ou seja, como sujeito potencialmente político (VALLADARES, 2005).

Junto com esses novos atores, pode-se colocar a atuação dos repórteres fotográficos. Assim, nota-se uma cobertura rica em produção de sentido do desmonte do Santo Antônio. Essa cobertura tem como característica principal o privilégio de aspectos técnicos, sem dar espaço digno de nota ao elemento humano da favela: seu habitante. Com isso, desejava-se ressaltar o progresso técnico-científico, em um quadro de euforia nacional-

desenvolvimentista, e traçar uma apologia ao futuro carioca, marcado pelo ambiente de transferência da capital do país e desejo das elites da cidade de manter a posição de vitrine da nação.

Segundo Bourdieu, o campo jornalístico exerce considerável influência sobre outros campos de produção simbólica, dentre os quais o campo político. Essa influência baseia-se na submissão desse campo, através dos veículos jornalísticos, à opinião pública e à lógica do mercado (BOURDIEU, 1997). A demanda da opinião pública, em seus diversos setores, à época estava mobilizada pela questão da transferência da capital e a necessidade revalorização da cidade. Desse modo, a partir da interpretação de Bourdieu sobre a atuação do jornalismo, a cobertura do desmonte do Santo Antônio cumpria esse papel de submissão da esfera política ao jugo público, servindo como ponte para o desenrolar das obras e criticando quando necessário, além de realimentar o processo de significação acerca da valorização do progresso técnico-científico e, conseqüentemente, da cidade, conferido pela empreitada. A forma encontrada para implementar tal abordagem foi a retirada do elemento humano, privilegiando-se uma *cobertura do progresso*, ao contrário do tipo de abordagem que o periódico privilegiará na década de 60, focada em uma *cobertura do atraso*, através do direcionamento dos holofotes justamente para o elemento humano, ou seja, os habitantes das favelas⁵.

A mídia exerce papel importante no processo de pensar a cidade, influenciando tomadas de posições e decisões. E esse papel também deve ser pensado de forma histórica, uma vez que ele também atinge debates acerca da memória nacional, sobre o que pode ser constituído como tal, bem como ser uma peça de contribuição para a disponibilidade dessa

⁵ Tal elemento não foi de todo ignorado na cobertura de outras favelas pelo Correio da Manhã, sendo que a abordagem aqui em debate é específica da cobertura do desmonte do Santo Antônio, sendo que a escolha por sua análise foi justamente essa especificidade e seu enquadramento em um processo de significação mais amplo. Para melhor entendimento do contraste entre cobertura do atraso e do progresso na cobertura fotográfica do Correio da Manhã das favelas ver (AMOROSO, 2006).

memória (HUYSSSEN, 2000). E esse papel é exercido de maneira consciente, possuindo um forte componente de escolha e de interesses por trás, que devem estar sempre em vista na análise da atuação da mídia como produtora de representações. Essa consciência de seu papel pode ser exemplificada em já citada reportagem de 22 de janeiro de 1956:

Que o flagrante sirva em contribuição ao homem de amanhã, estudioso das questões desta cidade do Rio de Janeiro. Para que ele saiba como se figurava um aspecto do Santo Antônio, no começo de 1956.

O historiador agradece.

Bibliografia:

- AMOROSO, Mauro. *Nunca é tarde para ser feliz? A imagem das favelas pelas lentes do Correio da Manhã*. Dissertação de mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 2006.
- ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. “Pequena história da fotografia”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. “A influência do jornalismo”. In: *Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- COIMBRA, Cecília. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. Rio de Janeiro/Niterói: Oficina do Autor/Intertexto, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio, CASTRO, Paulo César & LUCAS, Ricardo J. de L. “Mídia-tribunal. A construção discursiva da violência: o caso do Rio de Janeiro”. *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro: v.1, n. 2, 1995.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAGUARIBE, Beatriz. “Ruínas modernistas”. In: *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Ed. Papirus, 1996.

KORNIS, Mônica Almeida. “Samba em Brasília: uma utopia conservadora dos anos 1950”. *Cadernos de antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: n.18, 2004.

LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LISSOVSKY, Maurício. “A máquina de esperar”. In: GONDAR, Jô & BARRENECHEA, Miguel Angel. (orgs.). *Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

MATTOS, Rômulo da Costa. *A “aldeia do mal”: o morro da favela e a construção social das favelas durante a primeira república*. Dissertação de mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 2004.

MAUAD, Ana Maria. “Narrativas contemporâneas: fotojornalismo e fontes orais, uma proposta metodológica”. Comunicação apresentada XI Encontro Regional de História/ANPUH-RJ. Rio de Janeiro: UERJ,

MOTTA, Marly. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

OLIVEIRA, Gil Vicente V. *Imagens subversivas: regime militar e o fotojornalismo do Correio da Manhã (1964-1969)*. Dissertação de Mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 1996.

- PARISSE, Lucien. *Favelas do Rio de Janeiro – evolução – sentido*. Rio de Janeiro: Cadernos do CENPHA n. 5, 1969.
- RIOS, Rute M. M. “Amando de modo especial os menos favorecidos – 1945 – 1954”. In: VALLA, V (org). *Educação e favela: políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940-1985*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1986.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- SILVA, Luiz A. Machado da. “A continuidade do problema favela”. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org). *Cidade: histórias e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- VALLADARES, Lícia. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção das favelas do rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1978.
- . “A gênese da favela carioca: a produção anterior às Ciências Sociais”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Brasília: v. 44, n. 15, 2000.
- . *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- VELLOSO, Mônica. “A dupla face de Jano: romantismo e populismo”. In: GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil de JK*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoria de la imagen periodística*. Barcelona/Buenos Aires/México, Ediciones Piados, 1987.